

O NIILISMO NIETZSCHIANO E SEUS REFLEXOS NA CONTEMPORANEIDADE

BIANI, Simone¹
RU 1175525
BONFIM, Lucília M.G.A.²

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar o niilismo nietzschiano em suas várias vertentes e a capacidade que este tem de produzir a negação da vida do ser humano. Diversas são as formas em que o niilismo se manifesta - na religião, na política, na tecnologia - temas estes explorados neste trabalho, o que torna Nietzsche e seus conceitos extremamente atuais. Através de pesquisa bibliográfica, utilizando textos de Nietzsche, materiais diversos de seus comentadores e de professores de filosofia, além da utilização de materiais de cunho jornalístico e sociológico, investigamos e buscamos contextualizar o niilismo na contemporaneidade, tendo como modelos o terrorismo islâmico – que pode ser considerado o ápice do niilismo, a política norte coreana demonstrando a negação da vida à uma nação, e a tecnologia que surge como instrumento de fuga da realidade, a qual muitas pessoas buscam nos dias de hoje. Diante disso percebemos o quanto o niilismo está presente no nosso contexto atual, e a necessidade do ser humano buscar um enfrentamento da vida, ao invés da fuga em todas as suas vertentes niilistas.

Palavras-chave: Niilismo; Moral; Valores

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de apresentar o niilismo do ponto de vista nietzschiano, descrevendo os tipos de niilismo a partir da teoria de Nietzsche, além de apresentar os possíveis desdobramentos que eles acarretam à vida do ser humano, apontando conceitos-chaves para auxiliar no entendimento de sua teoria e também comparando o niilismo nietzschiano com questões da sociedade contemporânea. Também, com o intuito de esclarecimento, apresentamos a diferença entre o conceito de niilismo comum, comparando com o conceito elaborado por Nietzsche, que se mostrou invertido.

¹ Aluna do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como trabalho de Conclusão de Curso. 6º semestre – 2017.

² Professora Orientadora do Centro Universitário Internacional Uninter.

O problema que orientou a pesquisa se deu a partir do estudo de princípios absolutos do ponto de vista moral, de forma a apresentar como estes carregam o ser humano ao niilismo nietzschiano.

A justificativa deste trabalho veio do fato de acreditar na importância do desenvolvimento de uma visão crítica das pessoas, no que tange as suas escolhas no mundo atual, de forma que não se tornem “homens rebanho”, conceito este, bastante citado nos trabalhos de Nietzsche para descrever pessoas abarcadas pelo niilismo.

Nietzsche discordava de qualquer preceito ou critério absoluto que, em sua opinião, obstava a vida. Sua crítica recaía a toda e qualquer postura radical do ponto de vista religioso, político, científico, social, temas estes que busquei desenvolver neste trabalho. Porém, é importante destacar que sendo Nietzsche um crítico das radicalidades, não há a possibilidade de encarar sua obra como algo absoluto, visto que isso nos faria recair no erro que ele tanto desejou destruir, sem contar que ele jamais teve a intenção de se tornar um “ídolo”, apenas se posicionou de forma contundente sobre a realidade que o cercava e, de forma impressionante, nos fez perceber nos dias de hoje, o quanto o niilismo está presente na realidade que nos cerca, basta observar os fundamentalistas do Estado Islâmico, os “lobos-solitários”, que se transformam em bombas com o objetivo de matar “infiéis”. Também podemos observar o Comunismo da Coreia do Norte que anula a vida das pessoas em prol de uma ideologia. E finalmente a tecnologia que está presente no nosso dia a dia e acaba por transformar seres humanos, em escravos das máquinas. Estes são exemplos que procurei tratar neste artigo.

No desenvolvimento deste trabalho utilizei a pesquisa indireta, bibliográfica, a partir de livros, vídeos e artigos, que possibilitaram o entendimento sobre o que realmente se trata o niilismo nietzschiano. Para alcançar este intento, procurei fundamentar este artigo em autores como o próprio Nietzsche, o principal como não poderia deixar de ser; também o filósofo Clóvis de Barros Filho, que me auxiliou nos esclarecimentos sobre o niilismo e a negação da vida; Viviane Mosé, que é comentadora de Nietzsche, e que fundamentou o que é o niilismo ativo e reativo; o filósofo Oswaldo Giacóia, outro comentador de Nietzsche, que trouxe a crítica sobre

o camuflar da vontade de poder; Sacarlett Marton, comentadora de Nietzsche que muito esclareceu sobre a vida deste, e a proposta dele, sobre o que é a vida; o professor do departamento de Filosofia da Universidade de Pelotas, Claudemir Luís Araldi, onde busquei dados sobre outros tipos de niilismo nietzschiano; Patrick Cockburn, jornalista de guerra, que presente no Iraque, Síria e região, ajudou-me a trazer uma visão do que propõe o Estado Islâmico; Vitaliy Mansky, que através de seu documentário sobre a Coreia do Norte, me auxiliou a traçar um paralelo entre a política norte coreana e o niilismo nietzschiano; o sociólogo Zygmunt Bauman, que me auxiliou com seus conceitos de “rede” e “off-line e on-line”. Também obtive apoio para o desenvolvimento deste trabalho no professor de Filosofia e Sociologia, Antonio Charles Santiago Almeida, com os conceitos de dois mundos em Platão e Santo Agostinho; em Nicola Abbagnanno, e seu Dicionário de Filosofia, além de Lou Andreas Salomé, e seu Hino a Vida.

NEGANDO A VIDA

Segundo Barros Filho (2017), Nietzsche escreve sobre diversos conceitos ao mesmo tempo, porque ele acreditava que aquilo que vem à nossa cabeça, ao nosso consciente, é um subproduto insignificante de nossa psique - que é infinitamente maior do que nós supomos. Para Nietzsche, existe uma energia vital, ou nossa essência, que funciona como um agente, que manipula um holofote e este ilumina os recortes do nosso inconsciente, trazendo à tona, ou seja, para nossa consciência, os pensamentos que estavam ali adormecidos. Por esse motivo é que sua obra é composta por aforismas, ou seja, ele escreve o que lhe vem a cabeça no exato momento.

Por isso, como bem destaca Barros Filho (2017), a obra de Nietzsche não tem uma formalidade, quando comparada com a de outros autores, que geralmente dedicam um texto para cada assunto. Em Nietzsche, ética, teoria do conhecimento estão amalgamadas com sua reflexão moral.

Segundo Marton (2017), Nietzsche é um filósofo da suspeita porque nos convida a suspeitar de nossas crenças, nossas convicções. Ele suspeitava de si

mesmo. Ele colocava sob suspeita o que pensava, e a base do seu interesse é a vida. Vida onde não há nada de estático, é eterno movimento.

E para Nietzsche, Marton complementa:

Vida é luta, não a luta externa, mas a luta interna. É a luta entre as minhas células, entre os meus tecidos, entre os meus órgãos. É a luta entre os meus impulsos. Não tem um objetivo esta luta. Temos impulsos, isso é viver. Razão é um dos impulsos. Razão é uma Paixão, é um afeto. As vezes ela se sobrepõe (MARTON, 2017).

E Nietzsche também acreditava, segundo Marton, que:

Nós somos uma pluralidade. Se pensarmos no corpo físico, vemos isso. Nossas células estão surgindo e desaparecendo, permanentemente. Portanto vida e morte estão muito associados. Não há uma separação tão distinta entre o que é agradável e desagradável. As coisas se acham muito imbricadas. E nós somos seres muito plurais (MARTON, 2017).

Antes de começar a falar sobre o niilismo nietzschiano, é importante entender o que esse conceito significa, e esclarecer que Nietzsche o inverteu.

Segundo Abbagnano (2007, p. 723), niilismo é um “termo usado na maioria das vezes com intuito polêmico, para designar doutrinas que recusam a reconhecer realidades ou valores cuja admissão é considerada importante”. Também segundo o mesmo autor, a palavra “em outros casos, é empregada para indicar as atitudes dos que negam determinados valores morais ou políticos (ABBAGNANO, 2007, p. 723).

Ou seja, niilismo, no sentido comum, indica a pessoa que nega qualquer princípio ou critério que se imponha, que acredita que “nada” na vida vale a pena. É a forma de conduzir a vida sem valores conforme esclarece Barros Filho (2017).

A palavra vem do latim, *nihil* que significa nada, negação.

Na visão de Nietzsche, o niilismo assume o significado oposto pois ele:

Foi o único a não utilizar esse termo com intuitos polêmicos, empregando-o para qualificar sua oposição radical aos valores morais tradicionais e às crenças metafísicas: O niilismo não é somente um conjunto de considerações sobre o tema ‘Tudo é vão’, não é somente a crença de que tudo merece morrer, mas consiste em colocar a mão na massa, em destruir”. (...) É o estado dos espíritos fortes e das vontades fortes do qual não é possível atribuir um juízo negativo: a negação ativa corresponde mais à sua natureza profunda (ABBAGNANO, 2007, p. 723-724).

Para tanto Nietzsche trava uma “guerra” a toda e qualquer idealidade que possa negar a natureza humana. “Da escola da guerra da vida. “O que não me mata me fortalece” (NIETZSCHE, 2006, p. 09).

Segundo ele, o indivíduo que leva uma vida fundamentada em princípios, que segue regras absolutas, organiza sua vida pautada em valores políticos, religiosos, morais absolutos é classificado como niilista.

Nietzsche diz que “antes, devido à estupidez na paixão, fazia-se guerra à paixão mesma: conspirava-se para aniquilá-la – todos os velhos monstros da moral são unânimes nisso: *‘il faut tuer les passions’* [é preciso matar as paixões]” (NIETZSCHE, 2006, p. 26). Paixão aqui equivale a vida, algo que o homem ao se render a preceitos absolutos acaba “matando” Paixão e Vida. Não é difícil verificarmos exemplos bem gritantes, hoje, na contemporaneidade. Por isso, diz Nietzsche, “a moral antinatural, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida – é uma condenação, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos” (NIETZSCHE, 2006, p. 29).

A pessoa “nega a vida”, nega o presente por uma “ilusão” que se passará no céu, a partir da perspectiva platônica-judaico-cristã, ou no futuro, segundo a modernidade, época contemporânea de Nietzsche. Porém, ao “darmos um passo atrás”, como Mosé (2009) declara que Nietzsche fazia, e assim como ele, observarmos o contexto contemporâneo, percebemos que o ser humano continua de diversas formas, mergulhando no niilismo. Não é por menos que Nietzsche influenciou os séculos XIX, XX, e continua muito presente no século XXI.

Para Nietzsche a origem do niilismo remota a Grécia Antiga, perpassa pela Idade Média, adentra a modernidade e por isso, segundo Mosé (2009), a história da filosofia, ou a história do pensamento humano é a história de uma ilusão, da negação da vida, porque constrói um modelo de homem impossível de existir.

Sua crítica aos antigos inicia-se pelos autores do período clássico, século V a.C., e Nietzsche oferece um capítulo inteiro “II O problema de Sócrates” em “Crepúsculo dos Ídolos” onde classifica as incursões, tanto de Sócrates quanto de seu discípulo Platão, na sociedade grega da época em que viveram, como “sintomas de declínio, como instrumentos de dissolução grega, como pseudogregos, antigregos” (NIETZSCHE, 2006, p.13-14). Para ele ambos mostravam uma postura negativa diante da vida.

Sobre Platão, Nietzsche declara que:

Pagou-se caro pelo fato de esse ateniense haver frequentado a escola dos egípcios (- ou dos judeus no Egito?...). Na grande fatalidade que foi o cristianismo, Platão é aquela ambiguidade e fascinação chamada de “ideal”, que possibilitou às naturezas mais nobres da Antiguidade entenderem mal a si próprias e tomarem a ponte que levou à “cruz”... E quanto de Platão ainda se acha no conceito “Igreja”, na construção, no sistema, na prática da Igreja! (NIETZSCHE, 2006, p. 86-87).

A crítica aqui se fundamenta na teoria platônica do “mundo das ideias”, onde o mundo sensível, segundo Platão, é uma ilusão e a “verdade” está no mundo das ideias. Para Nietzsche, “Platão é um covarde perante a realidade – portanto, refugia-se no ideal” (NIETZSCHE, 2006, p.87).

Devemos levar em consideração que essa teoria influenciou o cristianismo, onde os padres, num primeiro momento, através do neoplatonismo, procuraram defender, justificar e fundamentar essa nova fé, e a patrística, na figura de Santo Agostinho a utilizou na sua construção filosófica:

Se em Platão há uma teoria que retrata dois mundos, isto é, um mundo visível e um não visível, em que o segundo é, segundo o filósofo, o correto, essa teoria funcionou, do ponto de vista teórico, perfeitamente para que Agostinho desenvolvesse sua compreensão de cristianismo com base também nesses dois mundos, céu e terra (ALMEIDA, 2015, p.82).

Conforme Barros Filho (2017), há também a crítica a Aristóteles que coloca o cosmos como referência, ou seja, para Nietzsche, o cosmos é uma ideia do mundo onde o ser humano tem um papel e deve agir de forma harmônica para que esse mundo permaneça organizado, portanto, o ser humano é uma peça, uma idealidade.

Ou seja, o ser humano se vê privado do presente, da vida, agindo a partir de uma moral que idealiza um mundo melhor, não este mundo que vivemos, encarado como cheio de ilusões e que se torna pecaminoso com o cristianismo, mas aquele mundo inteligível, onde encontraremos a verdade ou o paraíso cristão.

Segundo Mosé (2009), neste ponto se destaca o que Nietzsche chama de Nihilismo negativo – nego esta vida em nome da outra, seja ela a vida inteligível platônica, ou o paraíso cristão.

Ou seja, é preciso morrer para encontrar a plenitude da vida. Esta vida não traz nada de bom, não acrescenta nada, não tem valor. É na vida eterna, no céu, que tudo

passará a ter sentido. Por isso nos deparamos com a frase de Nietzsche: “O cristianismo é um platonismo para o povo”, citado por Mosé. (2009).

Mas ainda há outro marco importante que leva a sociedade para outra forma de Niilismo – a ciência, abarcada pela Modernidade. É aqui que ocorre a “morte de Deus”, que segundo Mosé (2009) não é exatamente o que as pessoas pensam; pois com o nascimento da ciência, a religião perde o poder, portanto, quem mata Deus é o cientista em oposição ao sacerdote.

Segundo Mosé citando Deleuze, aqui observamos o Niilismo Reativo – “eu reajo a Deus, e no trono que eu construí para Deus, que era o Salvador de tudo, eu coloco o cientista (MOSÉ, 2009).

É no futuro, no progresso, que o niilismo reativo deposita suas expectativas, tirando assim o homem do devir, pois esse homem, passa a acreditar que “lá no futuro”, o progresso acontecerá e as coisas darão certo, acrescenta Mosé (2009).

Segundo Giacóia:

Para Nietzsche, vigora nesse processo um tipo impessoal e camuflado de vontade de poder, que oculta – primeiramente a si mesmo – essa sua condição. Ao instituírem-se como valor absoluto e submeterem a si toda e qualquer outra forma de sentimento de valor e valoração, as “ideias modernas” realizam esse seu impulso inconscientemente tirânico e, ao mesmo tempo, promovem o nivelamento e a uniformização massiva da humanidade (GIACÓIA, 2005, p. 34).

Porém, “o simples devaneio intelectual da existência de um Deus, de uma utopia, de uma sociedade ideal, se isso morresse num devaneio intelectual, não valeria a pena perder muito tempo com isso. Essa crença incide diretamente sobre a vida”. E se vale a pena ser pensado é porque está sendo interessante para alguém. (BARROS FILHO, 2017).

Complementando com Araldi (1998), Nietzsche também classifica o niilismo de mais duas formas: o niilismo incompleto, onde o homem busca preencher o vazio da “morte do Deus cristão” (visto como a fonte da verdade), através de outros subterfúgios como o progresso, a razão moral, a ciência, a democracia, buscando assim algo que ordene suas vidas de forma que possa se entregar de maneira absoluta. E também há o niilismo completo onde o homem tem consciência de sua situação após a “morte do Deus cristão”, porém, apesar disso, não há a criação de valores afirmativos. O niilista completo idealiza a partir das fraquezas humanas. E

temos também o niilista ativo, entendido como aquele que tem vontade de destruir, e o niilista passivo, o conformado, o animal de rebanho (ARALDI, 1998, p. 86).

Segundo Giacóia, “a especialização erudita em ciência, filosofia e arte conduz à superficialização do espírito, ao entorpecimento do impulso crítico, emancipatório e criador” (GIACÓIA, 2005, p. 43).

Ou seja, o ser humano mediocrizado, como o próprio Nietzsche diz, se torna “um homem animal de rebanho, útil, laborioso, utilizável e adestrado em muitas coisas” (apud GIACÓIA, 2005, p. 34).

Aqui percebemos que Nietzsche, como o próprio Giacóia (2005) cita, diagnosticou uma sociedade de “escravidão” antes de Theodor Adorno, Max Horkheimer e a Escola de Frankfurt.

A sociedade do trabalho e do rendimento maximizado, mesmo que herdeira da crença emancipatória e otimista no progresso das Luzes, continua cega e cruel, alienante e desumana. Ela pode abrigar, em sua inconsciência, uma escravidão, que denega, que pode levar a formas bárbaras de dominação (GIACÓIA, 2005, p. 39).

No entanto, é importante destacar que, como Barros Filho (2017) nos alerta, Nietzsche e “Che Guevara” jamais diriam, nem ao menos um “Saludo” um ao outro; portanto, Nietzsche também, jamais diria “Guten Tag”, nem para Karl Marx, nem para Adorno, Horkheimer ou qualquer filósofo revolucionário da Escola de Frankfurt, que adotaram a teoria marxista como fundamento. Isto estaria contra sua ideia de “Amor Fati”, que significa “o amor pelo mundo como ele é”. Para Nietzsche a proposta destes filósofos estaria, mais uma vez, carregada de ideologia, ao procurar explicar um inconsciente coletivo determinado por forças de produção. Para Nietzsche, qualquer critério que se estabeleça para o mundo tem origem niilista e assim as teorias marxistas e da Escola de Frankfurt estariam “blasfemando” contra o mundo da Terra, a favor de uma idealidade transcendente (BARROS FILHO, 2017).

Segundo Barros Filho:

Para Nietzsche, toda construção de realidades para além da vida, como o paraíso cristão, a sociedade sem classe, o cosmos e todas as outras, no final das contas, são ao mesmo tempo uma “muleta metafísica”, para tornar o mundo da vida mais suportável, são uma necessidade psicológica, porque se as coisas são o que elas são e o homem inventa deuses é porque no final das contas ele precisa disso, mas são um grande mal. E é aqui que é interessante porque Nietzsche está absolutamente convencido de que sem essas muletas o homem viveria melhor (BARROS FILHO, 2017).

Ao observarmos o que motivou Nietzsche em sua contemporaneidade, as idealidades que o cercavam e que cerceavam a possibilidade do ser humano de viver o presente, de estar aberto ao devir, percebemos que bem pouco se alterou quando observamos os nossos dias, o nosso hoje.

ESTADO ISLÂMICO - A NEGAÇÃO DA VIDA

A religião faz suas vítimas nos dias de hoje. Ampliando um pouco o foco na questão religiosa, e lembrando que a crítica de Nietzsche abarcava principalmente o platonismo-judaico-cristão, é fato que quando nos deparamos com fundamentalistas islâmicos que negam, não só a paixão à vida de suas vítimas, como a sua própria vida em prol de uma moral, de uma idealidade religiosa, certamente estamos diante de uma atitude niilista vista nos dias de hoje. Como diria Nietzsche:

Uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se experimenta e se busca a satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autossacrifício (NIETZSCHE, 2009, p.91).

Antes de falar sobre o Estado islâmico, é importante destacar que, segundo Cockburn (2015, p.109), o islamismo sunita, é derivado da palavra árabe “sunnah”, significando tradição, hábito, sendo professado pela maior parte dos muçulmanos e considerado o veio principal da religião islâmica. Já o islamismo xiita fundamenta-se em Ali Ibn Abi Talib, que foi genro de Maomé. O termo vem da palavra árabe “seguidor”, e os xiitas atribuem autoridade espiritual à família e descendentes de Maomé. Em relação ao sufismo, Cockburn (2015, p.111) afirma que esta é uma corrente esotérica de práticas místicas, contemplativas.

Segundo Cockburn o Estado Islâmico, tem sua ideologia fundamentada no wahabismo de forma extremada, que é “a ideologia oficial do Estado Sunita” (COCKBURN, 2015, P.7). Cockburn ainda complementa acrescentando que o

wahabismo é a “versão fundamentalista do Islã, nascida no século XVIII, [...] e enxerga os xiitas e sufistas como não muçulmanos, que devem ser tão perseguidos quanto cristãos e judeus (COCKBURN, 2015, p.23).

Cockburn também acrescenta que “no centro dessa doutrina de guerra está uma ênfase no auto sacrifício e no martírio, como símbolos de fé e compromisso religiosos. Isso resultou na mobilização de homens-bombas, destreinados, mas fanatizados, com efeitos devastadores” (COCKBURN, 2015, p.49).

Tudo isso é paradoxal no mais alto grau: estamos diante de uma desarmonia que se quer desarmônica, que frui a si mesma neste sofrimento, e torna-se inclusive mais triunfante e confiante à medida que diminui o seu pressuposto, a vitalidade fisiológica. “O triunfo na agonia derradeira”: sob este signo superlativo lutou desde sempre o ideal ascético; neste enigma de sedução, nesta imagem de êxtase e tormento ele reconhece sua luz mais intensa, sua salvação, sua vitória final. Crux, nux, lux [cruz, noz, luz] – para ele são uma coisa só. (NIETZSCHE, 2009, p. 91).

Diante de tais fatos, podemos destacar que Nietzsche, se veria horrorizado com os atentados, pois aqui, percebemos “niilistas negativos ativos”, com ímpeto de destruição, e não apenas seguidores de uma idealidade religiosa, crentes em um paraíso além da Terra, mas pessoas capazes de, em nome desta crença, darem sua própria vida por este ideal. E observando as palavras de Nietzsche, nesse sentido:

Recusar a crença em seu Eu, negar a si mesmo sua “realidade” — que triunfo! — não mais apenas sobre os sentidos, sobre a evidência, mas uma espécie bem mais elevada de triunfo, uma violentação e uma crueldade contra a razão: volúpia que atinge seu cume quando o autodesprezo, o auto escárnio ascético da razão decreta: “existe um reino da verdade e do ser, mas precisamente a razão é excluída dele!...” (NIETZSCHE, 2009, p. 92).

“SOB O SOL” – COREIA DO NORTE E O NIILISMO NIETZSCHIANO

Dentre os vários modelos de niilismo, aqui temos um exemplo de niilismo passivo, onde encontramos países que escravizam seus habitantes, como a Coreia do Norte, que em nome de um sistema político propõe, por exemplo nas escolas, que crianças sintam ódio por inimigos “imaginários” - japoneses, sul coreanos, norte americanos - visto que elas nem sabem quem são esses inimigos (MANSKY, 2016).

Neste ponto Nietzsche (2006, p. 27-28) nos diz que a necessidade da ilusão de um inimigo chega a ser “espiritual”. Mais uma vez nos deparamos com o niilismo como oposição entre o bem e o mal (BARROS, 2017).

Nietzsche dirá que na política essa inimidade espiritual é:

Muito mais sagaz, pensativa, moderada. Quase todo partido vê que está no interesse de sua auto-conservação que o partido oposto não esgote a força; o mesmo vale para a grande política. Sobretudo uma nova criação, o novo Reich, por exemplo, tem mais necessidade de inimigos que de amigos: apenas no antagonismo ele se sente necessário, apenas no antagonismo ele se torna necessário... (NIETZSCHE, 2006, p. 27-28).

Assim cria-se a ilusão da necessidade de um líder forte, com poderes divinos para afastar qualquer inimigo que queira destruir a beleza e a harmonia daquele lugar.

Na Coreia do Norte também vemos pessoas curvando-se ou tirando fotos diante de painéis ou esculturas dos líderes políticos. E diante disso Nietzsche diz que:

O culto do louco sempre foi o culto do que é rico em vitalidade, do potente. O fanático, o possesso, o epilético religioso, todos os excêntricos foram considerados como tipos supremos da potência: como divinos. Essa espécie de força que provocava o temor era acima de tudo julgada divina: era o ponto de partida da autoridade; nela desejavam ver a interpretação da sabedoria, ouviam a sabedoria, e procuravam-na... (NIETZSCHE, 2016, p. 27).

Não sabemos até que ponto o líder norte coreano sofre de alguma doença psicológica, o que não deve ser difícil imaginar diante da necessidade desse culto a sua própria imagem como se ele fosse “divino”, alguém que merece adoração pelo posto que ocupa.

Zin-mi, uma garotinha de oito anos é obrigada a ensaiar, durante horas, uma coreografia tradicional coreana e ao final termina aos prantos. O mais chocante, é quando em outro momento, na casa da família, sua mãe pede para ela, que se encontra aos prantos mais uma vez, pensar em algo feliz, e essa garotinha pergunta - “o que”? Porém, quando a mãe pede para ela recitar algo que ela conheça, Zin-mi se recompõe e inicia, automaticamente, declamando versos sobre a beleza de seu país e as maravilhas que seus líderes Kim-jong-il e Kim-jong-un realizaram e realizam. (MANSKY, 2016).

Estas são cenas de um documentário que retrata fatos, que são bem comuns, no dia a dia de um país de regime totalitário. E Nietzsche acrescenta que:

A moral antinatural, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida — é

uma condenação, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos (NIETZSCHE, 2006, p. 29).

E fatalmente leva, segundo Nietzsche, a decadência, a degenerescência. “É uma vergonha para todos os teóricos do socialismo o admitirem que possa haver circunstâncias, combinações sociais, onde o vício, a doença, o crime, a prostituição e a miséria não mais se desenvolvam... Isso seria condenar a *vida...*” (NIETZSCHE, 2016, p. 25)

E nada melhor que a cena de uma criança que, quando lhe pedem para lembrar de algo que lhe foi feliz, pergunta: - o que? (MANSKY, 2016). E Nietzsche nos alerta, “quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti” (NIETZSCHE, 2001, p. 55).

DAS TELAS PARA O NIILISMO NIETZSCHIANO

A vontade de fugir da realidade não se basta somente em sistemas políticos ou religiosos, mas pode estar dentro de casa, na televisão, na tela do computador ou do celular. Quantas pessoas ao invés de olhar ao seu redor, vivem vidas imaginárias dentro desses aparelhos, ou mesmo, desaprenderam a se comunicar com o outro de forma real, pois preferem as telas. E aqui vemos outro exemplo de niilismo passivo.

Segundo Bauman (2011), esse isolamento voluntário é uma armadilha que nos ilude a parecer que não estamos sozinhos, e também nos protege da exposição a situações desagradáveis, portanto, também é uma espécie de fuga da realidade. E ele completa que, “fugindo da solidão, você deixa escapar a chance da *solitude*: dessa sublime condição na qual a pessoa pode “juntar pensamentos”, ponderar, refletir sobre eles, criar – e assim, dar sentido e substância à comunicação” (BAUMAN, 2011, p. 18).

Bauman também nos revela que:

Os aparelhos eletrônicos respondem a uma necessidade que não criaram; o máximo que fizeram foi torná-la mais aguda e evidente, por colocarem ao alcance de todos, e de modo sedutor, os meios de satisfazê-la sem exigir qualquer esforço maior que apertar algumas teclas (BAUMAN, 2011, p.18).

Porém, essa atitude que aparenta ser inocente, se mostra bem mais perigosa, pois, anula qualquer possibilidade da pessoa se desenvolver como ser humano, ou como diria Nietzsche, viver a vida e ir “além do homem”. E nesse sentido, Bauman diz que a pessoa paga um “alto preço” por estar sempre “conectada”, pois ela perde a oportunidade de estar só ou de se encontrar na “solitude”, como ele mesmo diz, e assim, essa pessoa perde a oportunidade também, de ler livros e sentir prazer nisso, de admirar paisagens, de desenvolver novas habilidades como desenhar, ela perde a chance de imaginar, aprender ou observar elementos de mundos diferentes do seu e o que na minha opinião é o pior, ela deixa de conversar com pessoas reais, ela perde a oportunidade de conversar com a família e de encontrar amigos reais (BAUMAN, 2011, p.18).

E Barros Filho complementa este pensamento, colocando a opinião de Nietzsche sobre a pessoa que assim age, dizendo que esta:

Nega o mundo que acontece, o mundo dos encontros da matéria, o mundo dos afetos, o mundo dos corpos, o mundo das energias vitais, o mundo das sensações e assim por diante. Para Nietzsche, nihilista é aquele que nega a Terra, nega os corpos, nega as sensações, nega as pulsões (BARROS FILHO, 2017).

São essas pessoas que “negam a vida” - expressão bastante usada por Nietzsche - que segundo Bauman, acreditam que, nos dias de hoje é perda de tempo o contato visual, a proximidade física com outro ser humano. Acreditam que o tempo é escasso para perdê-lo em “mergulhos profundos”, o que as impediria de manter contatos, ou conexões mais convidativas, pois são mais superficiais (BAUMAN. 2011, p 23).

E Bauman complementa dizendo que há uma diferença entre comunidade e rede – esclarecendo o que significa o famoso termo “rede social”:

A comunidade precede você. Você nasce em uma comunidade. Por outro lado, temos a rede. O que é uma rede? Ao contrário da comunidade a rede é feita e mantida viva por duas atividades diferentes. Uma é conectar e a outra é desconectar. E eu acho que a atratividade de um novo tipo de amizade, o tipo de amizade do Facebook, como eu a chamo, está exatamente aí. Que é tão fácil desconectar. É fácil conectar, fazer amigos. Mas o maior atrativo é a facilidade de desconectar (BAUMAN, 2017).

O ser humano passa a criar vínculos já com a perspectiva de que se esse vínculo não lhe favorecer, não o agradar, poderá descartá-lo. E assim passa a viver a vida pela perspectiva do descarte. E como bem nos coloca Bauman, é viver na superfície, sem nunca atingir a profundidade de um relacionamento (BAUMAN. 2011).

Também encontramos nas palavras de Bauman o significado da relação real ou on-line, que são as relações ou conexões frente a frente, de verdade, corpo a corpo. Em contrapartida há a ilusão ou o off-line (BAUMAN, 2017).

Para Bauman, “romper relações é sempre um evento muito traumático. Você tem que encontrar desculpas, você tem que explicar, você tem que mentir com frequência e, mesmo assim, você não se sente seguro (BAUMAN, 2017).

Aqui percebemos que a fuga na ilusão ou no off-line, parece resolver os problemas das relações humanas, porém, como bem foi citado anteriormente, há um preço a se pagar pois, segundo Bauman:

Na internet é tão fácil, você só pressiona delete e pronto. Em vez de quinhentos amigos, você terá quatrocentos e noventa e nove, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros quinhentos, e isso mina os laços humanos (BAUMAN, 2017).

E sem laços humanos o ser humano não vive uma vida em sua integralidade, proposta sempre afirmada por Nietzsche, inclusive com o seu “*Amor Fati*” - amar o mundo como ele é - e a partir disso, suas palavras nos leva a concluir que:

É assim que se manifesta certa casta de homens que não têm mais o brio de determinar para si uma vontade, uma intenção, uma diretriz: — para qualquer outra espécie mais sã não se mediria o valor da vida pelo padrão das coisas acessórias. E poderíamos facilmente imaginar um excesso de dor e, *apesar disso*, a vontade de viver, a afirmação da vida, ante a necessidade desse excesso (NIETZSCHE, 2017, p. 10).

O medo do sofrimento, da solidão, da rejeição, a busca de uma verdade, ou como diria Nietzsche, a “vontade de verdade” faz com que as pessoas anulem sua própria possibilidade de viver, escondendo-se atrás de subterfúgios tecnológicos e chegando assim ao niilismo. E neste momento é interessante lembrarmos das palavras de Lou Salomé, que tanto encantaram a Nietzsche, pois resumem o pensamento que este sempre teve em relação a vida

Tão certo quanto o amigo ama o amigo,
Também te amo, vida-enigma
Mesmo que em ti tenha exultado ou chorado,
mesmo que me tenhas dado prazer ou dor [...]

Se já não tens felicidade a me dar
Muito bem: dai-me teu tormento (SALOMÉ, 2017).

METODOLOGIA

O presente estudo é de natureza bibliográfica, que consiste na análise de fontes secundárias que abordam o tema escolhido. As fontes pesquisadas foram livros, artigos, e textos disponíveis em sites confiáveis. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica tem como finalidade "colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito [...] sobre determinado assunto" (p.57-58).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a grande preocupação de Nietzsche, no contexto em que vivia, estava na maneira como as pessoas encaravam a vida. Para ele, qualquer que fossem seus problemas, seus desencantos ou frustrações, nada poderia desviá-las do grande objetivo que é o "Viver". Ele mesmo nos mostrou, com seus exemplos o quanto é perturbador encarar essa aventura que é a vida. Foi uma pessoa doente, amou sem ser correspondido, não recebeu o respeito merecido por sua própria família. No entanto, não desistiu e viveu, encarou seus problemas e traçou o propósito de alcançar o "Além do Homem", a superação.

Também nos propôs o "Amor Fati" - amar o mundo como ele é, com tudo que há de bom e ruim. Mas não como uma resignação de "homem rebanho", tão rebatida, ou em suas palavras "martelada", mas como algo que, apesar das dificuldades, podemos superar, ou seja, nos superar. O mundo se encontra aí, como ele é, somos nós, seres humanos, que devemos encará-lo e "nos superar" para merecermos estar nele.

Perante tais fatos, é inquietante perceber o quanto o ser humano ainda se encontra negando a vida, de todas as formas possíveis, na religião, na política, no dia a dia.

Pessoas que mergulham em mundos virtuais, fugindo do enfrentamento da vida, negando o relacionar-se, a viver tanto as belezas como as frustrações que tanto nos ensinam e que certamente, como diria Nietzsche, nos auxiliariam a alcançar a superação.

Na política vemos nações reduzidas a um grande e mero rebanho pelo capricho, orgulho ou quem sabe "demência" de líderes que alcançam o poder sem o

merecimento, o preparo, a capacidade de governar e levam o povo a comportamentos automatizados, absolutamente niilistas.

E o ato de terrorismo é o ápice do niilismo. É a negação total e absoluta de tudo ao nosso redor. O fato de estar vivo passa a ser a ferramenta para o alcance da morte sua e do outro.

Aqui temos alguns exemplos do niilismo, diante de muitos outros, não explorados, como por exemplo - penso que deveríamos atentar o quanto não infantilizamos e levamos as nossas crianças e nossos jovens a atitudes niilistas com a superproteção que oferecemos através de legislações, como a educacional – a progressão continuada, por exemplo? Reprovar um aluno é visto como punição, mas Nietzsche diz que devemos amar o mundo como ele é. Negar a uma criança que ela encare os próprios erros, não é negar-lhe a possibilidade de enfrentamento de suas dificuldades e da própria vida? Decerto que este é um tema polêmico, pois certamente muitos dirão que não devemos encarar uma criança como um adulto em miniatura, e não é este o objetivo aqui. Porém, também não podemos negar-lhe a possibilidade de enfrentamento de suas dificuldades com aprovações automáticas, que a levam a carregar inúmeras defasagens que a impossibilitarão alcançar uma aprendizagem concreta. Isso não a tornará uma pessoa com tendências niilistas, que diante de dificuldades buscará refúgios em algum lugar?

Atualmente é incentivado o uso da tecnologia nas salas de aula. O discurso diz que isso é um apelo da modernidade, os jovens já nasceram “conectados”. E aqui vem a dúvida. Os jovens buscam a tecnologia no horário das aulas porque isso realmente lhes é interessante ou estarão fugindo das dificuldades encaradas nos conteúdos, diante das defasagens que trazem de séries anteriores? A fuga nas redes sociais não seria uma fuga ao enfrentamento? Porém, aqui devemos nos lembrar que o aluno é uma vítima de um modelo educacional, onde ele não consegue “deletar” as suas fraquezas. Até que ponto com essas atitudes não levamos gerações inteiras ao niilismo?

Nosso país passa por grandes transformações sociais, econômicas, políticas. A população sofre, porém, o modelo político que vivenciamos também não estaria levando nossa população ao niilismo? Não somos uma Coreia do Norte, mas até que ponto políticas assistencialistas não nos torna eternos “tutelados”? Nietzsche critica a “moral de escravos”, a moral que não produz valores nobres, mas quanto nossa

sociedade não nos impede a emancipação? Até hoje temos o voto obrigatório, com a explicação de que o brasileiro não tem “maturidade” para o voto livre. O brasileiro não tem maturidade, ou estão a impedi-lo de ter? E como diria Nietzsche, a quem isso interessa?

Com uma educação infantilizadora e uma população tratada como imatura, quando alcançaremos a moral de senhores? Estaríamos vivendo em uma sociedade niilista? Resta-nos buscar tais respostas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANNO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, A. C. S. **Filosofia Política**. Curitiba: InterSaberes, 2015.

ARALDI, C. L. **Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche**. Cadernos Nietzsche. GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. São Paulo. 1998. n. 5, p. 75-94.

BARROS FILHO, C. **Aula 1: Nietzsche e a Filosofia do Martelo por Clóvis de Barros Filho**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UFoamm0G2IM>> Acesso em: 08/08/2017.

_____. **Aula 2: Negar a fórmula e viver a vida por Clóvis de Barros Filho**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3brc38AZbCQ>> Acesso em: 12/08/2017.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Café Filosófico - Uma das maiores referências do nosso programa cultural**. Disponível em: <<http://www.institutocpfl.org.br/2017/01/10/zygmunt-bauman-uma-das-maiores-referencias-do-nosso-programa-cultural/>>. Acesso em: 20/08/2017.

COCKBURN, P. **A Origem do Estado Islâmico: O Fracasso da “Guerra ao Terror” e a Ascensão Jihadista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

GIACÓIA JUNIOR, O. **Nietzsche e Para Além de Bem e Mal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Atlas. 2003

MARTON, S. **Quem somos nós – Friedrich Nietzsche por Scarlett Marton.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=5L2K6HKrEyA> > Acesso em: 21/08/2017.

MOSÉ, Viviane. **Especial Nietzsche.** Viviane Mosé – Café Filosófico (Exibido dia 29.03.2009).avi. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wszgKT2zS-c>> Acesso em 05/08/2016.

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos ou como se Filsofa com o Martelo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Genealogia da Moral: Uma Polêmica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Vontade de Potência: Ensaio de uma Transmutação de todos os Valores.** Disponível em: <<http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Nietzsche,%20Friedrich/Friedrich%20Nietzsche%20-%20Vontade%20de%20Pot%C3%Aancia.pdf>> Acesso em: 21/07/2016.

SALOMÉ, L. A. **Hino a Vida.** Disponível em: < <http://www.muralfilosofico.com/2014/02/hino-vida-por-lou-salome.html> > Acesso em: 21/08/2017.

“SOB O SOL”. Direção: Vitaliy Mansky. Produção: Natalia Manskaya, Simone Baumann, Felipe Remunda. EUA: Distribuidora: Deckert Distribution Icarus Films. 2015 (90 min). Documentário exibido pelo Canal Globo News em 20/06/2016 às 21hs.